

A atualidade de Michel Pêcheux

Colóquio internacional

Introdução

Michel Pêcheux ainda é lido hoje? Que lugar ele ocupa no campo da Análise de Discurso (AD)? Como os conceitos que ele ajudou a forjar – em particular interdiscurso, pré-construído e formação discursiva – são usados e como esses conceitos se articulam com outros desenvolvidos recentemente, tal como o gênero de discurso? Finalmente: por que devemos ler Pêcheux hoje e como devemos lê-lo? Essas são as principais linhas de abordagem deste colóquio e as perguntas que gostaríamos de convidar os pesquisadores que se identificam de alguma maneira com o campo da AD a se confrontarem.

Embora Pêcheux seja frequentemente mencionado nas introduções de teses em análise de discurso, seus textos são pouco lidos e os seus conceitos raramente discutidos ou postos à prova – com a notável exceção da reflexão realizada no Brasil por E. Orlandi (por exemplo, 2007) ou de obras como as de M.-A. Paveau (por exemplo, 2008) ou de N. Marignier (2020). Frequentemente associado a Foucault, o nome de Pêcheux é geralmente vinculado à corrente da análise de discurso dita “francesa”, cujos contornos um tanto difusos também abrangem a pragmática, que representa, no entanto, aquilo de que Pêcheux pretende se distanciar.

Também é muito frequente que sua produção, em renovação constante entre 1967 e 1983 (ver Helsoot e Hak 1995 e 2000, entre outros), seja reduzida a uma dimensão política que agora está “ultrapassada”. Devemos, portanto, concordar com D. Maingueneau que “en France, l'analyse du discours ne saurait [en effet] se réduire aujourd'hui à ce courant, dont les objectifs et les méthodes initiaux appartiennent désormais à l'histoire des idées”¹ (Maingueneau 1995: 5)?

De fato, os trabalhos que tratam diretamente dos discursos políticos do “aparato” (folhetos, programas, resoluções de congressos) parecem ter caído no esquecimento após o colóquio *Matérialités discursives* (1981), que se concentrou nos “discursos ordinários”. No entanto, deve-se observar que, desde então e bem antes, o pensamento de Jacques Rancière não deixou de abordar os arquivos dos trabalhadores e outros arquivos, assumindo perspectivas importantes para a análise de discurso, particularmente aquelas que consideram a enunciação como possibilidade de emergência do singular no compartilhamento da língua e do discurso. Seja como for, as pesquisas realizadas nas décadas seguintes, pelo menos na França, concentraram-se principalmente no discurso profissional, no discurso de vulgarização científica (ver em particular as pesquisas realizadas no Cediscor, incluindo Beacco e Moirand 1995 e Moirand 2007) ou no discurso institucional (uma linha de pesquisa representada em particular no laboratório Ceditec, ver por exemplo Krieg-Planque 2012). O diálogo com historiadores, que era muito forte na década de 1980 (ver Guilhaumou, Maldidier, Robin 1994), diminuiu e, em vez disso, surgiram colaborações com pesquisadores em ciências da informação e comunicação ou sociologia.

¹ “na França, nos dias de hoje, a análise de discurso não poderia [de fato] ser reduzida somente a essa corrente, cujos objetivos e métodos iniciais pertencem de certo modo à história das ideias.” (Tradução nossa)

No entanto, na última década, a situação científica parece ter sido marcada pelo que pode ser chamado de um certo despertar do político, tanto na AD quanto na sociolinguística e em outras ciências humanas: alguns pesquisadores tomaram como objeto as relações de dominação (questões de gênero, discursos sobre migração – ver, por exemplo, Veniard 2018), enquanto outros procuraram definir os contornos do “discurso neoliberal” (Guilbert 2007) e levantaram a questão da ideologia. A partir de então, os pesquisadores explicitamente situados na AD são levados a se posicionar em relação ao trabalho de Pêcheux, seja para ampliá-lo (Marignier 2020) ou para se distanciar dele (Guilbert 2010). Em particular, a abordagem explicitamente materialista e marxista de Pêcheux é frequentemente apresentada como um obstáculo para se pensar a “resistência” à dominação em suas várias formas (como o conceito butleriano de agência).

Ao mesmo tempo, deve-se observar que os conceitos-chave forjados por Pêcheux e seus colegas continuaram a circular, embora de forma um tanto distorcida: sabemos, por exemplo, que o conceito de interdiscurso – intimamente interligado aos conceitos de pré-construído, formação discursiva e intradiscurso nos textos de Pêcheux – tornou-se um tanto autônomo e mais próximo do “dialogismo” bakhtiniano, sem dúvida em parte devido à sua proximidade formal com o “intertexto” (ver Paveau 2008).

De fato, o retorno incessante ao seu aparato teórico e metodológico, que caracteriza a aventura intelectual conduzida por e em torno de Pêcheux, não corresponde bem à versão fixa que a doxa parece ter imposto. Isso se aplica aos corpora políticos: as pesquisas realizadas no contexto do que Pêcheux chamou de “terceira fase” da AD também previam outros corpora além daqueles derivados do discurso político (Pêcheux 1983 in Pêcheux 1990: 317-318) – ao qual a política não pode ser reduzida. Em outro nível, o mesmo se aplica à complexa relação de Pêcheux com a psicanálise: o sujeito “vazio” do primeiro período foi sucedido pela concepção de um sujeito “clivado” que deixa espaço para a enunciação (Authier-Revuz 2020: 405-421).

Essas evoluções e remanejamentos, no entanto, baseiam-se em um ponto de apoio constante: o fato da língua como uma “ordem própria” e da linguística como um ponto de apoio para a AD. Contudo, essa proposição é agora objeto de uma refutação frontal no campo da análise de discurso e, de forma mais ampla, nas ciências da linguagem, uma refutação baseada em fundamentos científicos (a língua sendo definida não como um sistema, mas como a soma de seus usos – cf. Legallois e François 2011) ou políticos (a língua contestada como um instrumento de dominação – cf. Canut 2021). Além disso, a possibilidade de um conceito de língua que abra espaço para a enunciação é amplamente negligenciada, possibilidade que se tornou ainda mais impossível de ser pensada devido à confusão entre saussurismo e estruturalismo, que é profunda na história teórica da linguística (ver Toutain 2014). Entretanto, essa concepção enunciativa, que está no cerne da obra de Benveniste, já está presente em Pêcheux desde a AAD 69, como mostra Dumoulin (2022).

Da mesma forma, o interesse de Pêcheux pela informática e a dimensão heurística que ele atribui a ela são relativamente pouco conhecidos, em uma época em que a digitalização de corpora e a automação de cálculos usando softwares de fácil manipulação desafiam a AD por meio de ferramentas computacionais. Em contrapartida, a carreira do linguista não pode ser separada da história dos sistemas de análise automática do discurso

(AAD69, 3AD75, AAD80) que ele e sua equipe criaram: seus sucessos e limitações marcam as inflexões epistemológicas de sua carreira. É fundamental que retornemos a esse ponto para desenvolver todas as implicações deste trabalho.

Parece-nos, portanto, que a situação científica atual exige uma releitura dos textos e um retorno aos conceitos – uma releitura e um retorno apoiados pela publicação de um trabalho inédito (Pêcheux 1983) e pela recente tese de H. Dumoulin (2022). Por fim, também gostaríamos de convidar os pesquisadores a refletir sobre os conceitos e métodos da AD, quer trabalhem explicitamente no campo ou em suas margens, ou ainda em diálogo com os temas abordados acima. Para isso, identificamos diversos eixos de reflexão.

Eixo temático 1: Fundar uma disciplina: conceitos para a Análise de Discurso

A trajetória intelectual de Pêcheux foi marcada, durante todo o período em que foi desenvolvida, por um retorno constante aos métodos e ao próprio objetivo do empreendimento conhecido como “Análise de Discurso”, um retorno que produziu “deslocamentos” na definição de conceitos sem, no entanto, alterar a base não-subjetiva da compreensão da língua, do sujeito e do sentido. Como aponta Malidier:

D’un bout à l’autre, ce que [M. Pêcheux] a théorisé sous le nom de discours est le rappel de quelques idées aussi simples qu’insupportables : le sujet n’est pas à la source du sens; le sens se forme dans l’histoire à travers le travail de la mémoire, l’incessante reprise du déjà-dit ; le sens peut être traqué, il échappe toujours. (Malidier, introduction à Pêcheux 1990: 89)²

Assim, os conceitos de “formação discursiva”, “interdiscurso” e “pré-construído”, que apesar de não terem sido produzidos ao mesmo tempo, são teoricamente articulados – o pré-construído designando o traço implícito no enunciado por meio do qual podemos traçar a formação discursiva cujo “todo complexo com dominante” constitui o interdiscurso – sofreram redefinições que desfizeram essa aparência de sistematicidade. O “pré-construído”, “descoberto” em *Les Vérités de la Palice* em relação aos dois tipos de relativas, que marca a articulação do discurso e da língua e a fundamentação da análise de discurso de Pêcheux na linguística, mudou pouco no final, mas esse não é o caso dos conceitos que articulam discurso e política. A “formação discursiva”, idealizada na dupla tradição de Althusser e Foucault para dar conta das determinações históricas que pesam sobre o discurso, é vista inicialmente na forma de “domínios semânticos” relacionados a “posições sociais” (Pêcheux, Haroche, Henry 1971: 148). Rapidamente criticada (Guilhaumou, Malidier e Robin 1989) por sua natureza taxonômica e pelo risco de circularidade a que se expunha (Borillo e Virbel 1973), foi abandonada nessa forma. Ao mesmo tempo, o conceito central de interdiscurso, definido em *Les Vérités de la Palice*, em uma fórmula um tanto opaca (“o todo complexo com dominante das formações discursivas”), parece ter sido enfraquecido mais tarde, pelo próprio Pêcheux, em “corps socio-historique de traces discursives constituant l’espace de mémoire de la séquence”³

² De uma ponta à outra, o que ele [Pêcheux] teorizou sob o nome de “discurso” é o apelo de algumas ideias tão simples quanto insuportáveis: o sujeito não é a fonte do sentido; o sentido se forma na história através do trabalho de memória, na incessante retomada do já-dito; o sentido pode ser cercado, ele escapa sempre. (Malidier, 2003: 96)

³ “corpo sócio-histórico de traços discursivos constituindo o espaço de memória da sequência” (Malidier, 2003: 96)

(Pêcheux, “Lecture et mémoire : projet de recherche”, in Pêcheux 1990: 289), o que, em trabalhos posteriores, levou a uma comparação com o “dialogismo” bakhtiniano, a intertextualidade ou a “doxa”. Para D. Maingueneau, “ce dernier [l’interdiscours] est au discours ce que l’intertexte est au texte”⁴ (Charaudeau e Maingueneau 2002: 324), enquanto R. Amossy o define como “l’ensemble des discours qui circulent à un moment donné et dont la parole nouvelle se nourrit *nolens volens*”⁵ (Amossy in Raus 2019: 127).

Logo, várias perguntas podem ser feitas e várias linhas de pesquisa podem ser exploradas em relação a trabalhos recentes.

O conceito de “formação discursiva”, por exemplo, que foi usado recentemente em colóquios e pesquisas em AD (por exemplo, Maingueneau 2011, Mayaffre 2004, ver também Sassier 2008), é (ainda) operacional para explicar a determinação ideológica de um discurso e, em caso afirmativo, sob quais condições? Qual seria a especificidade do conceito de interdiscurso, se ele não for equivalente a dialogismo, intertextualidade ou doxa? Como os conceitos mais recentes podem se encaixar nesse edifício? Se a noção de gênero de discurso aparece de maneira indireta, entre parênteses, na definição de formação discursiva como determinando “ce qui peut et doit être dit (articulé sous la forme d’une harangue, d’un sermon, d’un pamphlet, d’un exposé, d’un programme, etc.) à partir d’une position donnée dans une conjoncture donnée”⁶ (Pêcheux, Haroche, Henry, 1971: 148), como essa noção, que se tornou imprescindível em AD, se articula a outros conceitos (ver Sitri 2022)? Indo além, será que conceitos de paradigmas epistemológicos muito diferentes podem enriquecer a Análise de Discurso de Pêcheux, conforme proposto por Marignier 2020, com o conceito de agência de Butler?

De uma perspectiva da AD, poderíamos também voltar ao conceito de “pré-construído”, que foi o tema de uma conferência recente em linguística enunciativa (“Le concept de préconstruit en linguistique énonciative”, conferência organizada pelo laboratório LISAA de l’Université Gustave Eiffel): ele está ligado à interpretação enunciativa de certas estruturas sintáticas, como as relativas (determinativas) ou nominalizações (Dumoulin 2022)? Esse conceito é semelhante às noções de “common ground” (ver a conferência “Le common ground en linguistique: de sa construction à son incidence dans le paramétrage du sens”, organizada em Nanterre em abril de 2024 pelo laboratório Crea) ou de implícito (Von Munchow 2016)? Qual é a relação com o pré-construído culioliano? Por fim, o pré-construído é o único caminho para acessar as formações discursivas?

Eixo temático 2: A língua como ordem própria

Sabemos o quanto Pêcheux é próximo dos linguistas – poderíamos até dizer que ele se tornou um linguista. Na verdade, é a análise dos fatos de língua – como o duplo valor determinativo ou apositivo das relativas – que traz à tona a noção central do pré-construído, uma porta de entrada para as formações discursivas. Esse exemplo mostra que o que está em questão é a língua, na medida em que ela permite a ambiguidade, o equívoco

⁴ “Este último [interdiscurso] está para o discurso como o intertexto está para o texto” (Charaudeau e Maingueneau, 2008: 286)

⁵ “o conjunto de discursos que circulam em um determinado momento, a partir do qual novas falas são alimentadas *nolens volens*” (Tradução nossa)

⁶ “a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, (...) determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)” (Pêcheux, 1995: 160)

ou o que Pêcheux chama de “espelhamento”, ou seja, a língua como um sistema abstrato que “funciona” – uma língua “saussuriana”, poderíamos dizer – e não a língua como um instrumento de comunicação a serviço de intenções transparentes para o sujeito falante – posição que encontramos na oposição entre heterogeneidade mostrada/heterogeneidade constitutiva (Authier-Revuz 1984). Na realidade, é precisamente nesse jogo que se instala um sujeito da enunciação, sujeito que não é intencional, mas inscrito na intrincação das formações discursivas com as quais se identifica.

Assim, o vínculo inicial e constante, ao longo do desenvolvimento do pensamento de Pêcheux, com a materialidade da linguagem ancorou de modo permanente o que é conhecido como AD “francesa” no campo das ciências da linguagem: uma AD preocupada com as “marcas”, com a forma das mensagens, uma AD inicialmente construída contra a análise de conteúdo. Em uma época em que o conceito de língua como um sistema abstrato está sendo contestado de várias maneiras e em que o paradigma pragmático parece dominar o campo dos estudos do discurso, podemos nos perguntar qual é o significado da filiação reivindicada ao pensamento de M. Pêcheux. Há uma série de perguntas para os analistas do discurso.

Em primeiro lugar, no nível teórico, poderíamos voltar ao modo como Pêcheux articula o reconhecimento da ordem própria da língua e a dimensão do discurso. Qual língua para qual discurso, ou qual discurso para qual língua? Também poderíamos analisar a lógica em ação na escolha dos observáveis linguísticos e nos perguntar, como Marignier 2020, por exemplo, se e de que forma as mudanças teóricas são refletidas ou implicam alterações na escolha dos observáveis linguísticos. Também poderíamos voltar à importância dada aos fatos sintáticos em vez do léxico no trabalho de Pêcheux.

Eixo temático 3: A Análise de Discurso no cruzamento entre as ciências humanas e sociais

Desde o início, Pêcheux estabeleceu sua pesquisa teórica sob o signo de uma interdisciplinaridade que, sem dúvida, o integra ao campo do (pós-)estruturalismo (Angermuller 2013). Partindo de uma observação da reflexividade das ciências humanas e sociais como ciências situadas (uma observação também estabelecida em outros termos e lugares por Foucault), Pêcheux estendeu a crítica marxista da economia política para uma crítica das ciências humanas e sociais, em particular da psicologia social (Pêcheux/Herbert 1966). Adotando a abordagem althusseriana, esse trabalho crítico alimentou a esperança de criar uma “ruptura epistemológica” nas ciências humanas e sociais com base no trio de ciências que compõem a “Tríplice Entente”: linguística, materialismo histórico e psicanálise. De acordo com esse programa, essa ruptura levaria o objeto do “discurso” a se tornar o objeto científico das ciências humanas e sociais, na medida em que elas são (re)definidas como ciências das representações ideológicas de indivíduos e grupos sociais.

Hoje, a ambiciosa “teoria do discurso” de Pêcheux (Maldidier 1990) parece uma fantasia nascida em uma época estimulada pelo “teoricismo” althusseriano (1974). Ocorre que foi também o trabalho meticuloso de Pêcheux que ajudou a revelar a impossibilidade de tal teoria do discurso ao trazer à tona a natureza irreduzivelmente situada da discursividade e, portanto, a natureza interpretativa da análise de discurso (Pêcheux, 1983).

Essa evolução de Michel Pêcheux parece ter várias origens. Por um lado, devemos mencionar a discussão com Foucault, que começou em 1971 e depois emergiu em vários trabalhos (Pêcheux 1977, 1978, 1983). A atitude de Pêcheux parecia oscilar entre a “retificação” marxista e concessões sinceras ao filósofo. E, de fato, a perspectiva “micropolítica” adotada por Foucault abre um novo espaço para pensar sobre a relação entre discurso, ciência e política (Revel 2010, Macherey 2014), o que constitui um passo à frente da teoria althusseriana de ideologia. Mas é igualmente notável o fato de que a crítica das ilusões da “ciência do discurso” também se baseou em uma reflexão teórica sobre a linguística, em particular por meio dos conceitos de língua e enunciação (Pêcheux 1975, Henry 1977), que abriram um diálogo com a psicanálise.

Nesse contexto, esperamos trabalhos que revisitem as questões epistemológicas envolvidas na fundação da análise de discurso como uma disciplina e, em particular, a relação de Pêcheux e dos analistas do discurso com Foucault.

Mas também esperamos comunicações que analisem de maneira mais geral a articulação da análise de discurso entre teoria e prática, ciência e política, conhecimento e ativismo, dando continuidade às reflexões sobre “análise de discurso entre descrição e intervenção” propostas pelo colóquio realizado em Poitiers em 2019.

Além disso, embora não houvesse uma “ciência do discurso”, parece que podemos considerar como certo, a partir da aventura teórica de Pêcheux, que o “campo” do discurso é constitutivamente comum às ciências humanas e sociais, independente dos objetos e formalismos desenvolvidos em cada disciplina.

Ao longo da carreira de Pêcheux, isso se refletiu em trocas frutíferas entre o campo de AD em linguística e o trabalho de historiadores ou sociólogos, por exemplo, por meio da criação do grupo de pesquisa ADELA (Analyse du discours et lectures d’archive). Ele também esteve presente na seção de linguística do CERM, onde o debate foi constantemente mantido com sociolinguistas como Jean-Baptiste Marcellesi (cf. Authier-Revuz & Dumoulin, no prelo). Nesse contexto, pode ser apropriado que os trabalhos contemplem a atualidade dos vínculos interdisciplinares entre a Análise de Discurso e outras disciplinas das ciências humanas e sociais.

Eixo temático 4: Análise automática de discurso: uma abordagem baseada em ferramentas no encontro entre textometria e PLN

Embora a textometria tenha crescido de maneira notável, seguindo a lexicometria, até o ponto de representar agora o equivalente estatístico da análise de discurso, pouca atenção é dada às semelhanças e diferenças entre os sistemas que surgiram dessa história e o trabalho de Pêcheux. No entanto, é proveitoso perguntar como essas abordagens são comparáveis: por exemplo, o método Reinert (Alceste, Iramuteq) e o sistema AAD69 (Pêcheux 1969) são ambos baseados no registro de “enunciados elementares”, contudo, a maneira como esses enunciados são construídos pode parecer diferente em mais de um aspecto. Podemos esperar que os trabalhos escolham o ângulo de uma comparação entre técnicas e dispositivos específicos à textometria e ao trabalho de Pêcheux.

Mas também devemos nos perguntar como essas abordagens questionam umas às outras do ponto de vista epistemológico. Se, hoje em dia, fortes propostas de análise de dados textuais fazem da co-ocorrência a base do significado das palavras no discurso (Mayaffre

2014), Pêcheux, que também buscou a base de uma semântica discursiva na noção de contexto de uma palavra, nunca a formulou a partir do ângulo estrito da co-ocorrência – embora tenha demonstrado um interesse nas relações estabelecidas pelo cálculo das co-ocorrências (Pêcheux 1969: 4). Portanto, podemos esperar apresentações que mostrem como o trabalho de Pêcheux e alguns dos principais debates em textometria podem trazer um esclarecimento epistemológico mútuo.

Por fim, além do campo da análise de dados textuais, a carreira de Pêcheux como pioneiro do “PLN dos anos 1970” (Léon 2010), com suas limitações, mas também suas antecipações teóricas, faz parte, de modo mais geral, da história do Processamento de Linguagem Natural na França. Assim, por exemplo, se considerarmos com Jurafsky e Martin (2023) que os “word embeddings” que agora se tornaram parte do estado da arte do PLN implementam a hipótese harrissiana de representar uma palavra por seu contexto de acordo com diferentes dispositivos – estáticos com word2vec (Mikolov et al. 2013) ou dinâmico com os Transformers (Vaswani et al. 2017) – deve-se lembrar que o dispositivo AAD69 já partiu de uma hipótese semelhante, confrontando os problemas linguísticos associados à definição da noção de contexto.

Eixo temático 5: O sujeito entre linguística e psicanálise

A referência à psicanálise existe desde o início nas reflexões do pensador. Mencionada no artigo de 1966, a psicanálise faz parte da “Tríplice Entente” das ciências “aliadas” à análise de discurso; da mesma forma, algumas das fórmulas do pensamento lacaniano incrementam a reflexão sobre interpelação em *Les Vérités de La Palice* (1975). Por tudo isso, há a questão de como as concepções psicanalíticas podem ser colocadas em prática em um edifício teórico que reivindica Althusser acima de tudo. Embora o caíman⁷ da rua d'Ulm tenha, sem dúvida, discutido a psicanálise em sua reelaboração da noção de ideologia (Gillot 2009), podemos, no entanto, perceber uma dificuldade em conciliar a concepção lacaniana do sujeito com o que Pêcheux passou a chamar de “autômato” da teoria althusseriana (Pêcheux 1983), que, em muitos aspectos, se assemelha a um “não-sujeito” (Authier-Revuz 2020).

Entretanto, a partir de 1977, e em particular com o artigo “Il n'y a de cause que de ce qui cloche” (1978), a questão do sujeito recuperou uma importância decisiva, à medida que se levou em conta as “falhas” que podem ser observadas tanto no processo de interpelação ideológica quanto na sistematicidade homogênea da língua. Sob a figura do sujeito da enunciação, é uma singularidade irreduzivelmente heterogênea que aparece no centro das tentativas de formalizar a discursividade. Dando continuidade à discussão iniciada por Paul Henry em *Le Mauvais Outil* (1977), os últimos escritos de Pêcheux entram de bom grado em um diálogo mais profundo com a obra lacaniana. Assim, em *La Langue introuvable* (1982), Pêcheux e Gadet questionam a possibilidade de uma análise de discurso que escaparia da dicotomia entre conhecimento e verdade estabelecida por Jean-Claude Milner em *L'Amour de la langue* (1978). Ao assim fazer, Pêcheux traz uma contribuição original ao itinerário de encontros que pontuam a história da linguística e da psicanálise, e que se atualiza hoje no trabalho de vários linguistas (Authier-Revuz 2020, Toutain 2018).

⁷ Como eram chamados os professores auxiliares da École Normale Supérieure.

Nesse contexto, espera-se que as comunicações questionem diretamente as evoluções da relação de Pêcheux com a psicanálise, mas também, de modo mais geral, as relações de complementaridade ou oposição entre a linguística, a análise de discurso e a prática analítica.

Bibliografia

Althusser, L. (1974). *Éléments d'autocritique*. Paris. Hachette.

Angermüller, J. (2013). *Analyse du discours poststructuraliste. Les voix du sujet chez Lacan, Althusser, Foucault, Derrida, Sollers*. Limoges. Lambert-Lucas.

Authier-Revuz, J. (1984), « Hétérogénéités énonciatives », *Langages* 73. 98-111.

Authier-Revuz, J. (2020). *La Représentation du Discours Autre. Principes pour une description*. Berlin/Boston. De Gruyter.

Authier-Revuz, J. et Dumoulin, H. (à paraître) « Le CERM linguistique (1977-1979). Entretiens avec Jacqueline Authier-Revuz », *La Pensée*, n°418, « Approches matérialistes du langage ». Fondation Gabriel Péri.

Bakhtine, M. (1984). « Les genres du discours ». In *Esthétique de la création verbale* (p. 265-308). Paris. Gallimard.

Beacco, J.-C. et Moirand, S. (1995). (dir.) *Les Carnets du Cediscor 3*, « Les enjeux des discours spécialisés » URL : <http://journals.openedition.org/cediscor/457> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cediscor.457>

Borillo, M. et Virbel, J. (1977). « Une maladie infantile de l'analyse des données textuelles dans les constructions scientifiques en histoire : La théorie du discours ». In *Analyse et validation dans l'étude des données textuelles*. Paris. Éditions du CNRS.

Canut, C., (2021). *Langue*. Paris. Anamosa.

Charaudeau, P. et Maingueneau, D., (2002). *Dictionnaire d'Analyse du Discours*. Paris, Hachette.

Charaudeau P. e Maingueneau D., (2008). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo, Contexto

Dufour, F. et Rosier, L. (2012). « Introduction. Héritages et reconfigurations conceptuelles de l'analyse du discours « à la française » : perte ou profit ? », *Langage et société*, 140. 5-13. DOI : 10.3917/lis.140.0005. URL : <https://www.cairn.info/revue-langage-et-societe-2012-2-page-5.htm>

Dumoulin, H. (2022). *Les théorisations du discours de Michel Pêcheux et Michel Foucault à la lumière du concept d'énonciation*. Thèse de doctorat soutenue le 9 décembre 2022, Université Paris Nanterre.

Gillot, P. (2009). *Althusser et la psychanalyse*. Paris. Presses universitaires de France.

Guilhaumou, J., Maldidier, D. et Robin, R. (1994). *Discours et archive. Expérimentations en analyse du discours*. Paris. Mardaga.

- Guilbert, T. (2010). « Pêcheux est-il réconciliable avec l'analyse du discours ? Une approche interdisciplinaire », *Semen*, <http://journals.openedition.org/semen/8803> ; DOI : 10.4000/semen.8803
- Guilbert, T. (2007). *Le discours idéologique ou la Force de l'évidence*. Paris. L'Harmattan.
- Helsoot, N. et Hak, T. (2000). « La contribution de Michel Pêcheux à l'analyse de discours », *Langage et société* 91. 5-33. DOI : 10.3917/lis.091.0005. URL : <https://www.cairn.info/revue-langage-et-societe-2000-1-page-5.htm>
- Hak, T. et Helsoot, N. (Éds.) (1995). *Michel Pêcheux, Automatic discourse analysis*. Amsterdam. Rodopi.
- Henry, P. (1977). *Le Mauvais outil. Langue, sujet, discours*. Paris. Klincksieck.
- Jurafsky, D. et Martin, J. H. (2023). *Speech and Language Processing*. Stanford University, online edition (3rd edition draft), consulté sur <https://web.stanford.edu/~jurafsky/slp3/>
- Krieg-Planque, A. (2012). *Analyser les discours institutionnels*. Paris. Armand Colin.
- Legallois, D. et François, J. (2011). « La Linguistique fondée sur l'usage : parcours critique », *Travaux de linguistique* 62. 7-33. DOI : 10.3917/tl.062.0007
- Léon, J. (2010). « AAD69 : Archéologie d'une étrange machine », *Semen* 29. 89-90.
- Macherey, P. (2014). *Le Sujet des normes*. Paris. éd. Amsterdam.
- Maingueneau, D. (1995). « Présentation », *Langages* 117. 5-11. www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1995_num_29_117_1702
- Maingueneau, D. (2011). « Pertinence de la notion de formation discursive en analyse du discours », *Langage et Société*. 87-99.
- Malidier, D. (1990). « (Re)lire Michel Pêcheux aujourd'hui ». In D. Malidier (Éd.), *Michel Pêcheux, L'inquiétude du discours. Textes choisis et présentés par Denise Malidier*. Paris. Éditions des cendres.
- Malidier, D. (2003). *A inquietação do discurso – (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. Eni Orlandi. Campinas, Pontes.
- Marignier, N. (2020). « Pour l'intégration du concept d'agency en analyse du discours », *Langage et société* 170. 15-37. DOI : 10.3917/lis.170.0015. URL : <https://www.cairn.info/revue-langage-et-societe-2020-2-page-15.htm>
- Mayaffre, D. (2014). « Plaidoyer en faveur de l'Analyse de Données co(n)Textuelles. Parcours cooccurrentiels dans le discours présidentiel français (1958-2014) ». In Née, E., Valette, M., Daube, J.-M., Fleury, S. (Éds.). *JADT 2014, Proceedings of the 12th International Conference on Textual Data Statistical Analysis*. 15-32. Paris, Inalco - Sorbonne nouvelle. <https://hal.science/hal-01181337>
- Mayaffre, D. (2004). « Formation(s) discursive(s) et discours politique : l'exemplarité des discours communistes versus bourgeois durant l'entre-deux-guerres », *Texte !* [en

ligne]. Disponible sur : http://www.revue-texto.net/Inedits/Mayaffre/Mayaffre_Formations.html.

Mikolov, T., Chen, K., Corrado, G. et Dean, J. (2013). « Efficient Estimation of Word Representations in Vector Space ». *1st International Conference on Learning Representations, ICLR 2013, Scottsdale, Arizona, USA, May 2-4, 2013, Workshop Track Proceedings*. <http://arxiv.org/abs/1301.3781>

Milner, J.-Cl. (1978). *L'Amour de la langue*. Paris. Seuil.

Moirand, S. (2007). *Les discours de la presse quotidienne*. Paris. Puf.

Münchow, P. (von) (2016). « Quand le non-dit n'est pas l'implicite : comment rendre visibles les silences dans le discours? », *Signes, Discours et Sociétés : Revue semestrielle en sciences humaines et sociales dédiée à l'analyse des Discours* 17. « L'implicite : entre préconstruits sémantiques et détermination générique ». ([halshs-01419431](https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01419431))

Orlandi, E. (2007). « L'analyse du discours et ses entre-deux : notes sur son histoire au Brésil ». In *Un dialogue atlantique. Production des sciences du langage au Brésil*. Paris. ENS Editions, p. 37-61.

Paveau, M.-A. (2008). « Interdiscours et intertexte.. Linguistique et littérature : Cluny, 40 ans après ». In Ablali D. et Katsberg Sjöblom M. (dir.) *Linguistique et littérature : Cluny, 40 ans après*. Presses Universitaires de Besançon, collection Annales Littéraires, 93-105. [hal-00473985](https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00473985)

Pêcheux, A. (1986). « Bibliographie des travaux de Michel Pêcheux », *Mots* 13. 195-200. www.persee.fr/doc/mots_0243-6450_1986_num_13_1_1314

Pêcheux, M. (1969). *Analyse automatique du discours*. Paris. Dunod.

Pêcheux, M., Haroche C., Henry P. (1971). « La sémantique et la coupure saussurienne ». In *Michel Pêcheux, L'inquiétude du discours. Textes choisis et présentés par Denise Maldidier*. Paris. Éditions des cendres.

Pêcheux, M. (1975). *Les Vérités de La Palice*. Paris. Maspero.

Pêcheux, M. (1977). « Remontons de Foucault à Spinoza ». In *Michel Pêcheux, L'inquiétude du discours. Textes choisis et présentés par Denise Maldidier*. Paris. Éditions des cendres.

Pêcheux, M. (1978). « Il n'y a de cause que de ce qui cloche ». In *Michel Pêcheux, L'inquiétude du discours. Textes choisis et présentés par Denise Maldidier*. Paris. Éditions des cendres.

Pêcheux, M. (1983). *Le Structuralisme brûle-t-il ?* Texte inédit conservé au Fonds PCH (Numéro 10), IMEC, Caen.

Pêcheux, M. (1990). *L'inquiétude du discours. Textes choisis et présentés par Denise Maldidier*. Paris. Éditions des cendres.

Pêcheux, M. (Herbert, Th.) (1966). « Réflexions sur la situation théorique des sciences sociales et, spécialement, de la psychologie sociale », *Cahiers pour l'analyse* 2. 174-203.

- Pêcheux, M., Gadet, F. (1981). *La Langue introuvable*. Paris. Maspero.
- Pêcheux, M., Haroche, C., Henry, P. (1971). « La sémantique et la coupure saussurienne : Langue, langage, discours », *Langages* 24. 93-106.
- Pêcheux, M. (1995). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi [et al.]. Campinas, Editora da UNICAMP.
- Rancière, J. (2024). Entretien avec Vianney Griffaton : « L’archive, c’est le témoignage d’actes de paroles qui marquent l’arrachement à une condition » (Partie I, 9/II/2024) ; « L’important, c’est l’effort pour briser l’ordre normal du temps » (Partie II, 11/II/2024). *Le Grand Continent*.
- Raus, R. (éd.) (2019). *Partage des savoirs et influence culturelle : L’analyse de discours « à la française » hors de France*, Essais francophones vol. 6, Gerflint (Groupe d’Etudes et de Recherches pour le Français Langue Internationale), https://www.gerflint.fr/Base/Essais_francophones/essais_francophones_vol_6_2019.pdf
- Revel, J. (2010). *Foucault, une pensée du discontinu*. Paris. Agone.
- Sassier, M. (2008). « Genre, registre, formation discursive et corpus », *Langage et société* 124. 39-57.
- Sitri, F. (2022). « ‘Genre de discours’ et/ou ‘formation discursive’ : quelle articulation ? », *Congrès Mondial de Linguistique Française - CMLF 2022*, SHS Web of Conferences 13, https://doi.org/10.1051/shsconf/202213801001_8_01001
- Toutain, A.-G. (2014). *La Rupture saussurienne*. Louvain-la-Neuve. Academia.
- Toutain, A.-G. (2018). « La théorie de la psychose du psychanalyste Alain Manier : Une articulation inédite entre linguistique et psychanalyse ». In I. Vilela (Éd.), *Saussure et la psychanalyse*. Paris. Éditions Langage et inconscient. 273-292
- Vaswani, A., Shazeer, N., Parmar, N., Uszkoreit, J., Jones, L., Gomez, A. N., Kaiser, Ł., Polosukhin, I. (2017). « Attention is All you Need ». In I. Guyon, U. V. Luxburg, S. Bengio, H. Wallach, R. Fergus, S. Vishwanathan, R. Garnett (Éds.), *Advances in Neural Information Processing Systems* (Vol. 30). Curran Associates, Inc. https://proceedings.neurips.cc/paper_files/paper/2017/file/3f5ee243547dee91fbd053c1c4a845aa-Paper.pdf
- Veniard, M. (2018). « La définition européenne de l’intégration des immigrants : définition consensuelle ou polémique ? Comparaison entre discours institutionnel européen et discours médiatiques en France », *Le Discours et la langue* 10. 147-161. ([hal-02185992](https://doi.org/10.1051/lelangue/201810147))